

IN
COM
PLE
TA







**Carla
Piazzzi**

lu
mi
nol

posfácio por
Lucas Verzola

1ª edição ~ Editora Incompleta
São Paulo, outubro de 2022

Um romance de Carla Piazzai
Posfácio por Lucas Verzola

Coordenação editorial: Laura Del Rey
Tradução [trechos Saint-Denys]: Carla Piazzai e Raquel Dommarco Pedrão
Edição: Laura Del Rey e Victor Pedrosa Paixão
Preparação de texto: Mariana Bastos
Revisão: Aline Caixeta Rodrigues
Ass. editorial: Fernanda Heitzman

Capa, projeto gráfico e diagramação: Angela Mendes e Laura Del Rey
Ilustrações originais: Fernanda Heitzman, Laura Del Rey e Romano Corá
Pesquisa e digitalização de imagens [domínio público]: Carla Piazzai,
Fernanda Heitzman e Laura Del Rey
Tratamento de imagens: Angela Mendes
Ass. design: Fernando Zanardo

Catálogo: Ruth Simão Paulino

Agradecimentos da editora: à confiança amorosa de Carla Piazzai
e a essa equipe dos sonhos e do coração, sem as quais não seria
possível realizar um livro desse porte em uma editora tão pequena;
e a: Giuliano F. Rossi, Lucas Verzola, Miriam Marinotti,
Vilma Heitzman e Roberto Taddei.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P584	Piazzai, Carla Luminol / Carla Piazzai. Tradução de trechos de Carla Piazzai e Raquel Dommarco Pedrão. Ilustração de Fernanda Heitzman, Laura Del Rey e Romano Corá. Posfácio de Lucas Verzola. – São Paulo: Incompleta, 2022. 528 p.; Il. ISBN 978-65-88104-19-4 1. Literatura Brasileira. 2. Romance. 3. Diário. 4. Cartas. 5. História. 6. Filosofia. 7. Memória. 8. Ditadura Brasileira. 9. Exílio. 10. Maternidade. 11. Herança. 12. Luto. 13. Culpa. 14. Sonhos. I. Título. II. Pedrão, Raquel Dommarco, Tradutora. III. Heitzman, Fernanda, Ilustradora. IV. Del Rey, Laura, Ilustradora. V. Corá, Romano, Ilustrador. VI. Verzola, Lucas. CDU 821.134.3(81)
------	--

CDD B869.3

Catálogo elaborada por Regina Simão Paulino – CRB-6/1154

Copyright © Carla Piazzai, 2022.

Todos os direitos desta edição pertencem à editora Incompleta Produção e Imagens Ltda. ME e estão protegidos pela lei nº 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem a expressa anuência da editora.

  @editoraincompleta ~ www.incompleta.com.br ~ editora@incompleta.com.br



Moscas volantes, 09

O diário
parte I, 100
parte II, 232
parte III, 358

O amor, o buraco, o eco
e o beliscão, 469

Cada criatura do mundo é como
um livro, um quadro, um espelho
~ *posfácio por Lucas Verzola*, 516

Agradecimentos, 522

Citações, 524

Imagens, 526

Para Linda e Luisa

O desconhecido é uma abstração;
o conhecido, um deserto; mas o conhecido
pela metade, o vislumbrado, é o lugar perfeito
para fazer ondular desejo e alucinação.

JUAN JOSÉ SAER



**moscas
volantes**

Depois da morte de minhas avós, adiei o quanto pude a decisão de vender a casa. Tinha esperança de um dia conseguir arrumá-la e, quem sabe, voltar e envelhecer por lá. Mas a dificuldade em arrumar uma brecha pra viajar, as despesas e os problemas com a manutenção de uma casa fechada por muitos anos, além da tristeza que sentia por me deparar com tamanho abandono – ratos, baratas, mofo, vazamentos, curtos-circuitos, telhas quebradas, o mato tomando conta de tudo –, se uniram a uma proposta de compra que, de cara, considereei uma afronta. Eu dava pra casa um valor que era só meu. Apesar de grande, e da raridade do quintal que, além da edícula, tinha um terreno enorme com vestígios do que um dia havia sido horta, jardim e pomar, a casa era bem velha (pra mim, tão velha quanto o mundo) e sua disposição interna, hoje percebo, irracionalidade pura: o fogão a lenha que mantinha a casa sempre envolta em fumaça, o corredor estreito e longo (como o de um pesadelo), o aposento sem janela que servia de passagem pra outros cômodos (um tipo de antessala fantasma), meias-paredes, só um banheiro e quase nada de tomadas, ou seja, um desacato ao gosto contemporâneo. “A casa vale pelo terreno, mas precisa derrubar, você não vai receber uma oferta melhor”, insistiu o corretor. E era o que os novos donos estavam fazendo, inclusive com o quintal; minha floresta de infância, aos poucos, transformada em cimento, churrasqueira e piscina. Soube disso quando telefonei pro corretor algum tempo depois, assim como quem não quer nada.

Com o dinheiro da venda, dos acertos do divórcio e da rescisão do trabalho “nove às cinco”, pude comprar uma chácara pequena na montanha. A vontade de mudar de vida era tanta que cheguei – por insistência de Mariana, fissurada por calor e praia – a rondar com ela o litoral. Hoje dou graças a Deus por não ter cedido à sua torcida (e de outros amigos) pra que

eu ficasse com a casinha “pé na areia imperdível” – seria como aquelas decisões estranhas que a gente toma em sonho. Essas andanças me fizeram assumir, de vez, que não gostava nem um pouco do mar. Inventei calor, labirintite, alergia a mutuca, pressão baixa e trauma de infância, porque a confissão dessa repulsa iria se juntar às minhas outras esquisitices e me condenaria ao lugar de aberração, como o das pessoas – que não alardeiam, mas devem existir – que não gostam de viagens, flores, música, batata frita, dinheiro e sexo. Afinal, enfermidades do corpo e da alma são revestidas de grande seriedade, encurtam conversas e soam mais amigáveis do que um antipático: não gosto de praia, de calor, me aflijo com a mistura de suor, areia e sal grudados em mim, o horizonte tão limpo e reto me entedia, não suporto cheiro de maresia e peixe, o arrebentar das ondas inunda meu sono de sustos, acho o marulho chato, tenho horror do oceano. Não gosto nem de imaginar entrar, pra me divertir, num lugar onde não respiro, numa água que não posso beber, numa imensidão tão temperamental. Só de pensar que, do nada, posso perder o chão e, a depender do que me suga, chegar a uma profundidade não alcançada pelo sol, passar dias na barriga de uma baleia e depois voltar como vômito na praia, sou capaz de jurar que “pesadelo” é verbo.

A casa era relativamente nova e maior do que eu precisava, mas por ser bem distante do minúsculo centro comercial da vila ou de alguma vizinhança, coube no meu bolso. O isolamento veio como um presente. Mariana conhecia a região e soube de um casal que estava se mudando pro exterior e tinha colocado seu sonho à venda: “Acho que encontrei o que você tá procurando. Vamos ver se dessa você gosta, criatura, mas vamos logo!”. Na verdade, eu nem buscava algo com muito afinco, estava em suspensão, ponderando possibilidades. Sentia há tempos que a relação do meu corpo com a cidade já tinha alcançado o ponto de saturação; os hábitos que antes

me proporcionavam algum prazer e distração se desgastaram e perderam o sentido, meu único apego era à sensação de ter por perto os poucos amigos que, no entanto, estavam cada vez mais atolados em um cotidiano pautado por trabalho, prestações, casamento, separação, crise da meia-idade, filhos e pela busca obstinada e estéril pelo sentido da vida. É um grupo pequeno da época da faculdade, mas o rumo que cada um tomou fez com que nos tornássemos botões de emergência uns pros outros. A ideia de continuar a viver como eu já vivia, sozinha e livre, mas no meio da natureza, em um lugar lindo e fresco, gastando muito menos que na cidade (o aluguel do meu apartamento cobrindo o grosso das despesas), o luxo de poder recusar alguns bicos e o tempo que finalmente teria pra escrita e leitura foram pra ponta do meu lápis e fecharam a conta. Mas não foi fácil aceitar a liberdade de tomar uma decisão dessas – mais ou menos como um pássaro hesitante, que não sabe bem o que fazer quando percebe que sua gaiola já virou ruína. Então quis pensar outra lista, uma terrível, que contrabalançasse tudo isso, que me fizesse ruminar inúmeras vezes, mas não me veio nada além de insetos, barulhos estranhos, a falta do jornal diário e do telefone na cabeceira da cama; e encontrar, no quarteirão da minha casa, os rostos amigos da locadora de vídeos, da padaria, do sebo, do mercado, da farmácia e da cerveja gelada. Tudo isso é comodismo, ponderei, é só uma questão de organização e adaptação. Os únicos obstáculos incontornáveis seriam os erros que eu sabia certos até me inteirar dos melhores lugares pra uma coisa e outra, o esforço de conhecer gente nova, aquela parte chata dos inícios, quando se gasta uma energia danada pra entender e se acostumar às ações e reações das pessoas.

A negociação não foi fácil. Mesmo indo pra longe, o casal tinha muito apego ao seu “paraíso de férias”. Quando fui conhecer a chácara, ficou evidente o quanto a visita havia

sido orquestrada por eles. O dia estava lindo – aquela luz e aconchego que só temos no outono: o céu sem um fiapo de nuvem, o frio na medida de um moletom e um cobertor gostoso. Começamos caminhando por trilhas estreitas que subiam e desciam serpenteando todo o terreno, enquanto eles apontavam, como guias de um museu que reservam o tesouro supremo pro final, as preciosidades da mata: as árvores preferidas pelos miquinhos e pássaros, bromélias, orquídeas e quaresmeiras. Me prometiam fartura de caqui, tangerina, pinhão, amora e perfume de dama-da-noite até dentro de casa, tudo musicado pela correnteza do rio. O teatro estava armado: eles, soltos, exaltando os detalhes que sabiam estonteantes pra quem vinha de uma metrópole desenganada e triste, e eu me segurando pra não dar um grito a cada curva da trilha. À medida que caminhávamos em direção ao fundo do terreno, o barulho do rio foi ficando mais alto e a mata mais fechada, até chegarmos numa escadinha estreita e irregular, feita de pedras e coberta de lodo, parecida com coisa de contos de fadas, mas construída por aquelas fadas fronteiriças que a gente não sabe se querem nos ajudar ou nos atirar na ribanceira só pra passarem o resto da vida rindo da nossa cara. Não desgrudei os olhos dos pés treinados descendo à minha frente, até alcançarmos uma clareira. Quando vi a pequena cachoeira, rodeada por pedras imensas, ensolaradas – que imediatamente enxerguei como poltronas de leitura e mesas de escrita –, formando uma piscina natural, com águas cristalinas que me deixaram ver e, por uns instantes, sentir, a areia e os seixos massageando meus pés, não aguentei e larguei um bom e alto: Puta que pariu!, e ganhei um cutucão de leve, como se Mariana dissesse “contenha-se”. Então soube que faria qualquer coisa pra viver e morrer naquele lugar – eu era puro desejo. O casal tinha acertado em cheio, eles também eram da cidade e sabiam o que a exuberância

daquilo podia provocar. O cara riu alto e disse: “Putá que pariu mesmo!”, e ela, na mesma compostura de Mariana: “É lindo... Praticamente uma cachoeira com piscina particular. É raro alguém aparecer por aqui. Você é escritora e quer um pouco de sossego, né?”. Inibida com o cutucão, só disse: Mais ou menos. Ela sacou a tolice da minha resposta e sorriu, deve ter achado que era um recurso literário pra disfarçar a avidez pelo paraíso. O imaginário do que seria uma escritora como guardião daquilo que era tão precioso pra eles certamente contribuiu pra que, mesmo recebendo outra proposta melhor, decidissem vender a chácara pra mim.

A projeção de um escritório cravado na água, como uma ilha, me cegou pra todo o resto e demorei um pouco pra me tocar que já estávamos dentro da casa. A construção era recente, “os sete anos mais revigorantes das nossas vidas”, os espaços amplos e “muito bem planejados”. Na primeira volta, fui apresentada a uma sala enorme com lareira e lavabo, ao pé-direito alto, dois quartos, banheiro, cozinha e área de serviço; e, enquanto nos mostravam os ambientes, eles insistiam pra que reparássemos na luminosidade e na transparência, já que quase todas as paredes da casa eram de vidro. Na segunda rodada, vieram os detalhes: o madeiramento ecológico do teto e do piso, tomadas e ganchos pra rede estratégicos, e a qualidade dos acabamentos da elétrica e hidráulica. Em seguida, saímos pra conhecer a casa do caseiro e, com isso, eles buscaram espantar o medo que todo bicho urbano carrega: a questão da segurança. Disseram que a construíram com a intenção de ter sempre alguém de olho em tudo, “pura noia da cidade”, mas que nunca precisaram disso, eu poderia morar sozinha ali sem medo, pois jamais houve um problema sequer. Se quisesse, poderia até alugá-la pra uma família pequena e ganhar algum dinheiro. Em relação ao isolamento e aos atoleiros, anunciaram que em breve, se tudo desse certo, haveria também telefone,

calçamento na vila e nos principais acessos aos vales; e que, num futuro um pouco mais distante, seria resolvida a polêmica sobre ter ou não asfalto na subida da serra.

Claro que eu valorizava o mesmo que eles, achei uma sorte danada ter um tacho pra raspar e conseguir pagar por um lugar tão pronto e bonito. A cumplicidade daquele casal me comoveu e o colorido de suas lentes me impressionou muito, mas eu não sonhava o sonho deles. O meu não tinha nada a ver com o refúgio encantado do fim de semana ou de férias, me interessava pela mudança do próprio cotidiano, pelo dia a dia das coisas. Sempre desprezei aqueles conselhos de revista que insistem que “a verdadeira mudança está dentro de você” – que troço cruel jogar tanto peso nas costas (e dentro) do ser humano. Pra mim, esse peso tem de ser dividido com o mundo. O que eu queria era sair do embotamento dos sentidos, precisava de estímulo, de um alargamento, de um falatório constante entre o dentro e o fora; e se estava melancólica e apática, incapaz de nascer de novo ou inventar outra mulher vibrante e otimista que me sossegasse no lugar de sempre, então que o mundo me ajudasse nisso. Havia arrastado por boa parte da vida o pesadelo da areia movediça: me debatia em situações nas quais era evidente que eu não tinha mais nada a dizer, e lugares, pessoas e ideias já não me diziam nada. Quanto mais me agitava na busca por sentido e por romper o silêncio constrangedor de algumas relações que um dia já foram muito – casamento, formação, trabalhos –, mais afundava na angústia de continuar insistindo numa linha de produção de múmias, no desconforto que é prolongar o prazo de validade do que já se foi. Recentemente, o que me engolia era a culpa por páginas e páginas de dois romances inacabados. E agora essa mudança, a maior delas, viria pra confirmar que a miragem de uma “vida toda pela frente” estava desfeita.

Precisei extrair coragem da fantasia pra ficar longe do costumeiro, mas era uma distância controlada: muita gente faz isso, nem vou sentir, tenho muitos livros, vou conseguir respiro e abertura pra um novo projeto, vou me concentrar mais, vou precisar de menos dinheiro e saliva pra viver, vou aprender jardinagem e construir uma horta, terei cães, vou montar um estoque de farmácia e papelaria, uma despesa de duráveis, escreverei cartas todos os dias; qualquer coisa, posso pegar a estrada, se der na telha procuro uma sociedade e transformo o espaço em pousada, farei amigos, quem sabe um novo amor, semanalmente irei ao correio, às compras e ao posto telefônico, poderei oferecer uma oficina na escola, quem sabe organizo um grupo de leituras, de vez em quando uma festa, uma bebedeira, uma comilança, uma orgia – tudo isso eu posso fazer. E, honestamente, quem precisa de notícias e conversas todos os dias? É bom mesmo que venham espaçadas, assim terei fôlego pra refletir melhor sobre elas. Confio no amor dos meus amigos, eles virão, tenho certeza; repetiam com entusiasmo e poucas variações: “Vai ser ótimo, agradeça por ser livre e poder fazer isso, essa cidade tá impossível, massacrante, é o sonho de todo mundo, você não vai ficar sozinha, nós te amamos, é só chamar, você vai até enjoar da gente”.

A cada obstáculo que eu superava na negociação, bancos e cartórios, resgatava o gesto da infância de me beliscar ao abrir os olhos de manhãzinha, só pra conferir se eu tinha acordado no sonho ou se já era mesmo hora de me levantar.

*

Estava até me divertindo com a novidade de ter só um colchão grande e macio no chão, uma mesa, duas cadeiras, uma poltrona e uma bicicleta velha – sobras de um bazar, que o casal me deixou de presente. Trouxe o essencial da cozinha e do guarda-roupa, montanhas de livros, discos e CDs, alguns

almofadões, uma TV, videocassete e aparelho de som. Doe pra Mariana e pra Paula – numa bebedeira divertidíssima que varou a noite e derrubou meu apartamento – roupas, sapatos e acessórios; coisas que nem me lembrava de ter e, enquanto as duas desfilavam animadas, eu pensava na miríade de personagens, temas, humores, desejos e aversão que cabem no guarda-roupa de um corpinho só. Que enredo... O mais minimalista dos seres, aquele que defende, orgulhoso, a exatidão de um único sofá e um vaso dentro de um palácio reluzente de branco, a menos que ande nu ou de uniforme, precisa dar uma olhada em seu armário e ter a segurança de afirmar: a casa é um ser e eu sou outro, como se desse pra separar o caramujo de sua concha. Ou ainda: eu sou a parte dinâmica e colorida, mas, pra isso, teria que assumir a monotonia de todo o resto. Sempre senti um misto de admiração e estranhamento pelas pessoas que, por escolha, não só conseguem viver com pouco, como ainda acham isso “bonito”, “limpo” ou até mesmo relacionam esse “essencial” a uma espécie de decência, correção política ou distinção estética. Posso até entender o manifesto, a elegância e a filosofia por trás disso, mas taí um luxo que não acesso. Sempre gostei de criações inúteis, bizarras, tristes, impensáveis, ocupando os espaços e os olhos. Também gosto das que não deram certo e ficaram por aí inacabadas, ou daquelas que, pra darem certo, passaram da conta e se desfiguraram a ponto de dar a volta e confundir o julgamento de quem as aprecia. Desnorteada, a pessoa passa a achar que está diante de uma obra inacabada, largada pelo artesão no instante em que seu coração parou – quando, na verdade, ele só pôde morrer porque decidiu que o trabalho tinha acabado.

Esse gosto salta das poucas e enevoadas memórias de infância na casa de minha mãe e se manifesta quando zanzo pelos brechós, bazares e mercados de pulgas e fuço até encontrar suas portinhas secretas. Sou capaz de me distrair o

dia inteiro olhando objetos e imaginando o que teria passado na cabeça das pessoas que alguma vez ponderaram: vou criar isso, quero viver com isso, o mundo precisa disso. E o contrário: não quero mais, que lixo, adeus – até aparecer alguém que diga: como pude viver sem isso? E o ciclo se repetindo até o mais fino pó.

De vez em quando eu comprava alguma coisa nessas andanças. Normalmente era atraída por objetos próximos do corriqueiro, mas nos dias em que estava mais sensível, não resistia e levava uma ou outra serpente no formol – vê-las em um túmulo de vidro empoeirado enchia meu coração de tristeza; eu devolvia a transparência e o brilho aos potes, mas mantinha-as como encontrei: secretas, que é como gostam de ficar. Já cheguei em casa com gramofone, filmadora Super-8, tinteiros, bengalas, capacete e binóculo de guerra, porta-urinol, cartucho de canhão, telégrafo, rádio valvulado, cartola de mágico, uma marionete sombria, uma camisola rendada em farrapos, um palco de fantoches, um vestido de melindrosa. Mas meu ex-marido, assim que os via, começava uma conversa mole sobre utilitarismo, modernidade, assepsia, e arre-matava o assunto com ataques fingidos de coceira no nariz e nos olhos – o que transformava meus tesouros em devolução ou presentes pros amigos. Por que eu cedia? Porque não suportava ver o inchaço daqueles olhos aguados de irritação e desprezo, o nariz imenso e vermelho como o de um palhaço, mas um palhaço destronado, que não me inspirava nem o riso nem a compaixão. Se pelo menos eu sofresse de coulrofobia, o sangue iria correr, mas nem isso. E outra: porque não me sobrava uma gota de desejo pra discutir. Aos poucos fui entendendo que o atrito precisa nascer do desejo. Que bobagem tinha sido aquele casamento, quanto tempo com um homem tão sem graça. Mas isso é o que eu acho agora, claro, depois da paixão descer pelo ralo, encontrar o que não devia e

entupir as veias com desgaste e mágoa. Como pude suportar a violência, o desconforto de viver embrenhada em tamanho desalinho? Será que a gente fazia ideia do que estava vivendo ali, um do lado do outro, por tantas noites? O que fiz com o meu corpo? Onde eu estava com a cabeça? As pessoas não deveriam se casar tão jovens, adoecidas de paixão; seria melhor esperar a febre, o delírio e o colágeno baixarem um pouco e ver o que sobra. Ou nem se casar, vai saber...

Apesar dos alertas de que os inquilinos o destruiriam, decidi alugar meu apartamento mobiliado. Além de valorizá-lo, o movimento que eu fazia era o do abandono. Mas sentia que pra esse abandono ser autêntico, e desencadear o estímulo de que eu tanto precisava, a virada teria que transcender os limites de uma, já nada simples, mudança da cidade pro campo – deveria abrir mão, de vez, de qualquer familiaridade e aconchego. Então decidi que viveria em uma casa povoada por objetos desconhecidos, de uma mãe desconhecida, guardados pela minha avó e bisavó por muitos anos, até que eu tivesse a idade certa pra tratá-los, como elas confiavam, com “muito amor”. Em vez de deixar esses objetos, um sem-fim deles, apodrecerem no depósito que aluguei ao vender a casa delas, e me enfiar na psicanálise pra lidar com a culpa, deixei que o caminhão-com-o-desconhecido chegasse em mim mais uma vez. Na primeira, ele veio acompanhando a morte de minha mãe. Eu não podia encostar em nada, mas era tudo meu. Era minha herança. Agora eu precisava conhecer esses objetos, tomar posse. Então deixei que ligassem o motor, então ele pegou a estrada, então ele chegou. De novo.

* *

Eu era uma menina, não vi o corpo, não me deixaram ir ao enterro, quiseram me poupar da tristeza e do horror. Alguns anos se passaram até o caminhão com as coisas dela aparecer.

Nunca me explicaram o porquê dessa demora, ela só ia acontecendo todos os dias, como são as demoras. Talvez fosse uma mistura de não consigo arrumar isso agora, não vou aguentar encostar em nada, deixa quieto, o Dudu tá lá cuidando de tudo. Alguns dias antes, havia começado um cochicho pela casa, e quando minha avó decidiu que eu podia ouvir, a sentença veio como anunciação, alerta e destino: “O caminhão com as coisas de sua mãe já tá na estrada. O Dudu vai embora do país, agora nós temos que guardar o que um dia será seu. Não se desfaça de nada, nunca”, disse, me fitando com os olhos que não deixariam mais de ser vermelhos.

Era uma espera parecida com a do Natal, a espera de coisas. Sentia a mesma ansiedade, mas sem a alegria. No Natal elas chegavam novas e como desejos, “depois de brincar, guarda direitinho na caixa, viu, minha filha, vê se não estraga nada”, dizia minha avó assim que eu abria os embrulhos. Acho que era uma tentativa de prolongar a pujança e a beleza antes deles criarem raízes, se confundirem com a casa e se transformarem num amontoado, seu destino fatídico. No Natal era tudo a mais, mas no caso dos bens da minha mãe, era um a mais diferente: cada objeto traria um tipo muito perturbador de convidado, que você não vê, mas está sempre ali. Um caminhão inteiro.

Na noite em que ele chegou, não sei como consegui dormir. Devo ter ficado tão desorientada com o entra e sai de gente, de bufos e suor, onde coloco?, aí não, ali, que peso!, arrasta pra cá, moço, meu filho, toma um cafezinho, coitado, descansa um pouco, não mexe em nada, menina, meu Deus, pra quê tanta coisa?, que apaguei. Mas lembro do sonho que tive, porque, com poucas variações, me acompanha até hoje:

Noite. Quero ajudar a descarregar a mudança. Me enrolo em um pano de chão e saio disfarçada. Quando atravesso o portão, o motorista, lá do alto de sua cabine, me vê e, com

o indicador nos lábios, faz “shhh”. Depois mexe dois dedos bem lentamente, sinalizando pra que eu caminhe, e, de alguma forma, eu sei que ele vai em direção à praça pra estacionar na porta da igreja e que devo encontrá-lo lá. Liga o motor e no mesmo instante desaparece. Começo a andar por ruas irreconhecíveis, tortas. A cada duas ou três casas sou obrigada a dobrar uma esquina e outra e outra. Sento na calçada pra descansar e olho pros meus pés: um está virado pra frente e o outro pra trás, o que me enche de tristeza, mas não dura muito. Logo me distraio com os carregadores que caminham encharcados e cantando: “Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou...”. Quando parecem exaustos, põem as caixas no chão, se sacodem como fazem os cachorros molhados e espalham pelo ar uma multidão de sapos e peixes brancos minúsculos, que estavam em seus bolsos. Eles passam por mim e não me veem, o que me alivia – e então penso: pronto, agora posso chorar. Mas o choro não vem. Abro bem os olhos e fico sem piscar pra fazer as lágrimas saírem, mas nada. Assim que começo a procurar no chão algo que me ajude a furar os olhos, escuto o sino da igreja, e suas badaladas dizem: “Vem, vem, vem”. Lembro do pacto de me encontrar com o motorista e, no mesmo segundo, já estou ao lado de seu caminhão. Lá do alto, com um braço compridíssimo coberto de relógios, esticado pra fora da janela, ele diz: “Coloquei uma escada pra você. Ache”. E, com o indicador da outra mão, desenha um círculo e me pede pra rodear o caminhão. Enquanto dou a volta, junto as letras impressas no baú: M, A, R. Encontro uma escada imensa, subo e o teto da caçamba se abre. Mergulho numa água escura, profunda, calma. Nado tentando me orientar pelo reflexo de uma estrela que acende e apaga como um vagalume, querendo brincar comigo e me confundir. A cada braçada, toco em uma caixa que imediatamente se dissolve, como se seu revestimento fosse uma membrana fei-

ta da própria água, até que chego em uma outra caixa, sólida, forrada de corais. Das bolhas que saem dela, escuto meu nome: “Maya”. Encosto o ouvido e tento entender o que mais os objetos dizem, mas cada tentativa é emaranhada ora pelo som de alguma coisa jogada no chão do meu quarto, ora pelo choro de minha avó. Então subo pra tomar fôlego e só o que consigo é um ar impregnado do cheiro de papelão. Mergulho de novo e meus movimentos se repetem até um quase afogamento – sinto o caminhão se movimentar e olho pro alto, vejo o teto se fechando. Sei que preciso subir rápido e atravessar o que nunca variou nesse sonho: um buraco de agulha.

Acordo com o meu grito, sufocada – eu sempre acordo antes de morrer –, e dou de cara com um quarto tão irreconhecível que, por uns instantes, acho que é um sonho dentro de outro. Minha avó percebe que eu acabei de pular de um pesadelo, se senta na minha cama, enxuga o suor de minha testa com a ponta do lençol e, com os olhos inchados, diz: “Meu anjo, é só um sonho, reze e tente dormir de novo. Já, já acabamos com o barulho”. Cubro a cabeça, tapo os ouvidos e tento rezar algumas vezes, mas sou boicotada pela vivacidade do meu sonho, que parece querer cavar um lugar definitivo e só seu em minhas memórias. Peço secretamente que acabem logo de arrastar e empilhar coisas e sumam do meu quarto pra que eu possa sair escondida. Não há a menor chance de voltar a dormir. Percebo os barulhos se deslocando pela casa, acendo o abajur e me sento na beirada da cama, ilumino meus pés e espero um pouco pra ver se vão virar um pra cada direção, se eu vou conseguir andar de novo, se foi mesmo um sonho. Ainda desconfiada, saio em busca do amparo de minha bisavó e ando por uma casa cheia de corredores formados por pilhas de caixas e móveis, esbarrando em carregadores e vizinhos. Encontro a bisa, pergunto se ela ouviu alguém cantar “eu vou, eu vou” e ela me responde

que não. Então foi um sonho mesmo, pensei. Grudei em seu vestido e a bisa, paciente e amorosa, aceitou que eu fosse seu rabicho enquanto transitava pela passagem entre o oratório e a cozinha, cuidando do abrigo e da fome daquela gente em nossa casa. Foi a primeira vez que vi o sol nascer.

Outra demora tão esticada quanto a do caminhão foi a de dar destino às caixas e àqueles móveis desconjuntados. Por um tempo, que senti parado, pois nada mudava, bisa Minda, vó Gera e eu vivemos em uma casa parda, improvisada, espremida. As caixas empilhadas faziam teto e chão serem iguais. Não suportava prender a respiração e me esgueirar por entre a mobília, enlouquecia com as unhas do Chiquinho no papelão. O único lugar imaculado era a cozinha, parecia blindada. Os cheiros dali, ali mesmo ficavam. Aquelas caixas cheiravam mais do que tudo, nenhum bolo ou pão de queijo alcançava um vento que levasse seu cheiro casa adentro. Eu também não ouvia mais o murmúrio do terço, os cochichos e as conversas; todo som do que eu entendia como vida tinha sido abafado pelo papelão. Só a cantoria do louro Bento atravessava as trincheiras. Mas era um som que chegava tão baixo, sufocado, que parecia estar no mais profundo dos infernos – o padre Lorenzo dizia que o pior dos infernos, aonde o calor de Deus não chega, é reservado ao “grande erro da traição”, o que custei a entender –, distraindo o Diabo de suas ruindades. Com o tempo, me convenci de que a morte de minha mãe só podia ter sido um erro de Deus, uma traição: fitava minha avó e bisavó, escutava seus choros e lamentos e entendia que mãe não deve enterrar filha; e mesmo quando me voltava pra mim, e não conseguia chorar, porque não compreendia a morte, desconfiava que não era bom que filha pequena ficasse sem mãe. Essa era uma ordem repetida e consagrada pelo tempo, como são determinadas as coisas que devem vir antes e as que são do depois. Nada sobre erros ou traições foi dito por minhas avós,

e se foi pensado, deve ter sido só à noite, quando esse tipo de pensamento transforma qualquer sonho em pesadelo. Para elas, não havia erro nem traição à luz do dia; na vigília, todo destino é vontade de Deus e as fatalidades são a sua assinatura. Eu teria que engolir em seco, sem questionar, a cada bênção, bom-dia e boa-noite, aquilo de que passei a duvidar: “Deus sabe o que faz”.

Não dava mais pra brincar nem com o que era conhecido, asfixiado por aquelas caixas, nem com o que era desconhecido, trancafiado dentro delas. Só os livros da minha mãe ficaram de fora. “Não há caixa que aguento esse peso, dona”, disse o moço do caminhão, carregando-os de pouquinho em pouquinho, em abraços. Ficaram amontoados no meu quarto, como cordilheiras. Eu precisava de uma aventura, mas até então “livro não é brinquedo”. Nem os de colorir eram brincadeira; eu tinha de pintar com cores predefinidas e respeitar as linhas de um desenho sempre pronto – se saísse um pouquinho pra fora já era erro, e não existia borracha pra lápis de cor.

O tédio e a clausura me convenceram de que livro era brinquedo sim, e pensei que poderia disfarçar se minhas avós achassem que eu estava organizando uma biblioteca como a da escola. Meu critério inicial foi o tamanho dos livros, depois incorporei também a cor e a rigidez. Muitos de um determinado tamanho eram verdes, outros tantos vermelhos e azuis, suas capas eram duras e as letras douradas. A certa altura, vi que formavam pequenas coleções: *Criaturas maravilhosas*, *Mistérios maravilhosos*, *Maravilhas da Terra*, *Maravilhas da Antiguidade*, *M. do reino animal*, *M. do corpo humano*, *M. do universo* e *M. das m.* Aquela seleção de maravilhas me lembrou da arca de Noé, a história mais triste de todas. Eu podia sentir a miséria das criaturas que não receberam seu lugar na arca, pois se apenas um casal de elefantes foi escolhido por Noé,

isso significava que uma manada inteira tinha ficado de fora, esquecida, se afogando no dilúvio. Que desespero.

De vez em quando bisa Minda aparecia no quarto: “Toma, minha filha, acabei de fazer, tá quentinho”. Em outros momentos, vó Gera: “Ainda arrumando? Muito bem! Já fez o dever de casa? Cuidado pra não rasgar nada! Meu Deus, quanto livro!”. Dias e dias ouvindo isso. Me perguntava se elas não tinham outros assuntos ou curiosidades, afinal eu estava lidando com um mundo novo, importante, mas nada – elas não demonstravam nenhum interesse pelos livros. Quando finalmente consegui amigar as coleções em pilhas coloridas encostadas na parede, considerei aquilo uma beleza: eu tinha a minha própria versão, um outro jeito de ser do arco-íris. E então fui pros livros de capa mole, e eram tantos, tão caóticos, tão desiguais, que precisei de um descanso; não fazia ideia de como organizá-los. Minha folga foi querer saber mais dos livros por dentro, buscar figuras, não pode ser, deve ter.

Vou direto ao *Maravilhas do corpo humano*. Suas ilustrações são feitas com uma caneta fininha pra dar conta da quantidade de detalhes que os títulos anunciam: crânio, coluna vertebral, tibia, rins, aparelho reprodutor, fígado, intestino delgado. Só preto e branco. Acho sem graça, feio, nojento. Depois de alguns esqueletos que tanto podiam estar ali como em um prato sujo no fim de uma peixada; dos buracos na caveira que eram como tocas de bicho medroso; dos órgãos que pareciam feijões germinados; dos vasos e artérias que lembravam os caminhos do crochê; dos ossos iguais à lenha do dia a dia; e dos quilômetros de intestino embolados feito ninho de cobras, paro os olhos em uma sequência de barrigas com o feto em todos os estágios de desenvolvimento. Por um instante, não consigo me lembrar de nada que se pareça com essa imagem. As frutas e suas sementes, claro! Começo com a goiaba, passo pela laranja, depois pela jabuticaba, até

que chego no abacate, o momento do nascimento. Não era, por exemplo, como a coluna vertebral e a espinha de peixe, que eu aproximava e depois separava pra seguir pro próximo retalho do corpo. Pensava nas sementes que brotavam no algodão, nas laranjas mofadas na cesta, na careta do limão, nos bichos que moravam na goiaba, na parte gosmenta da manga estragada, no escuro da banana, na cuspida das sementes de melancia... E foi por aí que descobri que não há censura mais severa do que a que vem colada ao próprio pensamento. Como é que eu podia imaginar essas coisas, se me deparava com a imagem de Nossa Senhora a cada canto da casa, e depois de ouvir tanto minhas avós falarem sobre as mães; como são sagradas, doadoras da vida, portadoras do milagre divino? Que tipo de pessoa eu era, comparando a maternidade às frutas que viviam brotando e caindo de podres no quintal? Veio uma urgência em colorir. Vai ficar bonito, ninguém nem vai ver, mas que cores? Me dei conta de que nenhuma cor além do vermelho era possível dentro do corpo. O sangue era líquido e devia escorrer, entrar e tingir tudo, e o que era duro era esburacado, e cada canal era oco por dentro, e uma coisa estava ligada a outra e a outra... Como pode ser tão fina a camada de pele que separa a gente desse emaranhado estranho? Se aqueles desenhos fossem coloridos de vermelho, nenhum detalhe, feto ou órgão saltaria da página, e tudo ficaria assustador. E ficou. Sinto muita raiva pela morte da minha mãe ter sido a primeira que conheci; peso a mão, rabisco com tanta força que algumas folhas se rasgam.

Foi então que aquela palavra maldita veio e tomou conta do meu pensamento e a culpa bateu em mim como a pior das surras. Me arrependi na hora, como sempre me arrependo, e sempre me arrependerei, só de pensar nela, desde que soube o que ela traz. E quando escapa, o que sai é só o começo, o resto vai ficando baixinho e enrolado até se desintegrar.

Nunca termino de dizer. Até hoje. Essa palavra tem o poder de tomar conta de tudo, como têm as coisas podres. Mas como controlar uma lembrança? Preferia que minhas avós não tivessem me contado nada naquele Natal, que “desgraça” não tivesse uma história, que fosse só uma palavra terrível que sai e se esvai no vento, ou se mistura a outras pra contar histórias novas, em vez de permanecer encarcerada como maldição numa solitária. Quando a gente sabe o que as palavras carregam, elas não nos deixam mais em paz.

* *

“Foi uma desgraça, né, vó?”

“Não fala esse nome, menina! Eu já te avisei! E essa mão suja de terra? Vai já lavar!”

“Mas isso não é palavrão, vó Gera! Todo mundo fala, até a professora!”

“Não é palavrão, mas é muito perigoso, você não sabe com o que tá mexendo.”

Até esse dia era: “Lava essa boca, não fala essa palavra!”, “Mas por quê?”, “Porque não.”

“Por que não, vó?”, insisti dessa vez. “Perigoso por quê? O que acontece?”

“Vou chamar sua bisavó. Ela que viu e é ela que vai te contar. E presta atenção, menina, você sabe que ela não gosta de falar duas vezes.”

Mentira, quem não gostava de falar duas vezes era vó Gera. A bisavó Minda nem ligava. Tudo o que elas falavam era repetido, como o café da manhã, mas cada uma repetia do seu jeito: o da vó Gera vinha com um “come tudo, já não te avisei que é pecado deixar comida no prato?”. O da bisavó Minda era mais do tipo “come, minha filha, tá gostoso”, como se fosse a primeira vez daquele pão. Pra minha avó, cada dia era o acúmulo